

Mortandade do tucunaré-azul (*Cichla piquiti*) no Pantanal em função de frentes frias: informações preliminares

Thais Sorrilha Clímaco

Ciências Biológicas Bacharelado, UFMS, bolsista PIBIC/CNPq, tatasorrilha@gmail.com

Balbina Maria Araújo Soriano

Pesquisadora Embrapa Pantanal, balbina.soriano@embrapa.br

Agostinho Carlos Catella

Pesquisador Embrapa Pantanal, agostinho.catella@embrapa.br

A introdução de espécies não-nativas, é uma prática feita pelo homem há menos de 10.000 anos. As introduções feitas sem planejamento e estudo podem constituir ameaças à biodiversidade, conservação das espécies nativas, alterações no habitat e alterações tróficas. No Brasil, a prática introdutória de peixes de forma não planejada é antiga e, em função da falta de informação, é vista pela população como algo comum. Um exemplo de introdução de peixes de água doce é o caso do tucunaré, originário da região Amazônica, que foi introduzido no Lago Gatun no Panamá, nos Estados Unidos, Malásia e Pantanal. O tucunaré é uma espécie preferencialmente carnívora, alimentando-se de peixes, pequenos invertebrados como camarões e, em circunstâncias não-favoráveis pode se alimentar de restos vegetais. São peixes sedentários, habitam águas quentes, lânticas e claras, atuando como predadores visualmente orientados para capturar suas presas e possuem hábitos diurnos. O tucunaré-azul (*Cichla piquiti* Kullander & Ferreira, 2006) foi arbitrariamente introduzido na década de 1980 no norte da Bacia do Alto Paraguai, para “peixamento” em barragens e açudes, consumo da carne e para a pesca esportiva. Estudos revelam que sua população vem se expandindo e ocupando novas áreas, sobretudo a jusante do local de introdução nas bacias dos rios Cuiabá e Paraguai. Embora ocorram frentes frias de outono/inverno na região Amazônica, a predominância é de temperaturas elevadas durante todos os meses do ano, deixando o tucunaré sob condições ótimas nas águas com temperatura em torno de 28° C. Contudo, as frentes frias de outono/inverno são eventos climáticos mais frequentes e intensos no Pantanal e Bacia do Alto Paraguai, e podem estar associadas aos eventos de mortandades da espécie na região. Dependendo de sua intensidade, as frentes frias podem diminuir a temperatura dos ambientes de águas rasas, onde os tucunarés habitam, abaixo do limite de tolerância da espécie, em torno de 15 °C. Este estudo apresenta informações preliminares e tem por objetivo verificar se as ocorrências de queda na captura anual do tucunaré estão correlacionadas com os eventos de frentes frias, que poderiam causar mortandades da espécie na região. Para tanto, foram obtidos dados de desembarque pesqueiro registrados pelo Sistema de Controle da Pesca de Mato Grosso do Sul – SCPESCA/MS e dados climáticos registrados pela Estação Meteorológica da Fazenda Nhumirim, região da Nhecolândia, no Pantanal Sul, no período de 1994 a 2018. Foram também realizadas entrevistas com fazendeiros e moradores, e recuperados artigos e matérias jornalísticas sobre mortandades de bovinos por hipotermia durante as frentes frias, como referência para possíveis mortandades de tucunaré, visto que estas últimas são menos evidentes. Observou-se que ocorreram episódios de queda acentuada na captura anual do tucunaré em alguns anos, seguidos por uma lenta recuperação da captura nos anos seguintes. O evento mais marcante foi a queda na captura de 12.961 kg em 2009 para 994 kg em 2010, relacionado a fortes frentes frias que ocorreram em maio, julho e agosto de 2010 com temperaturas mínimas entre 4,6 °C e 9,2 °C. Essas frentes frias causaram grande mortandade de bovinos, como relatam matérias e artigos, e também grande mortandade de tucunarés, conforme depoimentos de fazendeiros e moradores locais. Como a introdução do tucunaré é relativamente recente, nossa hipótese é que a espécie se encontra em fase de adaptação às variações climáticas da região. Os sobreviventes dessas mortandades poderão ser mais tolerantes a temperaturas mais baixas e repassar suas características para seus descendentes, aumentando a sobrevivência, aptidão e adaptação da espécie à região.

Palavras-chave: Bacia do Alto Paraguai, espécie exótica, introdução de espécies, SCPESCA/MS.

Apoio/financiamento: Estudo financiado pelo Projeto Água Livre (Embrapa/SEG 22.16.04.002.00.04), apoio Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico – ANA, Imasul/Semagro, 15º Batalhão de Polícia Militar Ambiental/MS e Bolsa de estudos PIBIC/CNPq.